

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ARTE PARTICIPATIVA: O FESTIVAL DE RUA DA ESCO- LA DE ARTES DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Teresa Veiga Furtado (CHAIA-UE, PT)
Paula Reaes Pinto (CHAIA-UE, PT)

1. Introdução

“Hoje em dia a maioria das cidades modernas tornaram-se produtos de consumo – controladas, embaladas, e exploradas”¹. O espaço público não reflecte outra realidade que não seja o da ideologia dominante, confinando-se o carácter público apenas ao nome (Bieber, 2010: 4). Deparamo-nos no ambiente urbano com um excesso de imagens de publicidade e de informação, não tendo frequentemente qualquer capacidade de decisão sobre a organização desse espaço público que é de todos. Com o objectivo principal de reivindicar o espaço da rua de um modo criativo, e de estabelecer laços entre os estudantes e a comunidade, foi iniciado em Setembro de 2015 o Festival de Rua da Escola de Artes da Universidade de Évora (UE) com periodicidade anual. Este festival procura criar e fortalecer laços entre a Escola de Artes e a comunidade/cidade, promover a criatividade, o espírito de grupo e a capacidade empreendedora e organizativa dos estudantes, bem como integrar os novos alunos da UE, fomentando a divulgação da arte em lugares públicos não convencionais onde os diferentes intervenientes interagem com a cidade que é também aqui entendida como um espaço laboratorial de experimentação artística. Nesse sentido, o projecto “Festival de Rua da Escola de Artes da Universidade de Évora” possui dois pilares fundamentais: o da

construção de novas dinâmicas de partilha de saberes entre a escola, as docentes, os alunos e a comunidade, e; a criação de práticas escolares e educativas adequadas às necessidades dos alunos e centradas na formação de cidadãos livres e autónomos. A criação de práticas artísticas empenhadas em questões sociais podem ser realizadas com sucesso recorrendo a teorias e experiências trazidas do campo da educação como o envolvimento com o público, as metodologias baseadas em inquéritos, os diálogos colaborativos e as actividades práticas (Helguera, 1992: xi).

Sobre este evento, gostaríamos de começar por dizer que não nos atrai nem interessa a arte formalista, em que se dá relevo às características puramente abstractas ou formais da obra, na linha dos movimentos que apregoam «a arte pela arte», sobrevalorizando a estética e encontrando-se completamente desligados do mundo exterior. Na realidade, a arte não pode ser considerada exclusivamente em termos estéticos. Nunca é completamente independente porque ela existe sempre num contexto determinado. Neste sentido, uma galeria ou um museu não são espaços neutros – neles opera-se uma relação que contribui para determinar o modo como o significado do trabalho artístico é percebido pelo observador (Gablík, 1992: 148-149).

A arte que nos move é, pelo contrário, uma arte alicerçada em conceitos relacionais, de público, comunicação, objectivos políticos, sociais e de cidadania e não com uma gama de media artísticos, materiais ou espaços (LACY, 1995: 30). Este tipo de arte reveste-se de uma dimensão simbólica e útil, alargada a um público não especializado, que pode ser usado como modo de fomentar novas ideias, suscitar o pensamento crítico, promover novas abordagens e acções, incitando sempre à autoconsciência e à auto-reflexão. De igual modo, a arte social pode originar uma linguagem visual em torno da qual

se uma comunidade política de espectadores ou participantes (Downey, 2014: 83).

Hoje em dia muitas pessoas sentem que não têm voz, num sistema governado pela hegemonia do discurso racionalista da cultura ocidental no qual não existe espaço para ouvir o Outro (Fiumara, 1995: 19). Nos espaços públicos as pessoas são confrontadas permanentemente com publicidade que lhes é imposta convidando-as ao consumo. A arte de rua, sendo uma forma de arte pública, tem uma natureza interactiva relativamente a uma ampla diversidade de públicos e culturas que participam numa arte centrada no contexto social do espaço (Miles, 1997: 1-18). A arte de rua é gratuita, acessível e democrática convidando à partilha de experiências e participação das pessoas que talvez nunca venham a entrar numa galeria, sendo a arte, deste modo, colocada na mão delas e não em espaços onde está disponível apenas para uma elite como acontece, por exemplo, em muitos locais convencionais de exposição artística. Uma vertente da arte de rua tornou-se actualmente num modo das pessoas retomarem o poder que lhes foi retirado nos espaços públicos. Não é apenas uma forma de expressão autocentrada mas um modo das pessoas se ligarem ao meio social e de o reivindicarem. A arte de rua tem o potencial de entrar nas rotinas diárias das pessoas estimulando os seus sentidos e a sua consciência, contribuindo para a perda do sentimento de afastamento e separação da vida social que determina o bem estar das suas vidas. A arte de rua permite às pessoas participarem tanto física como emocionalmente na construção do espaço público.

2. Práticas pedagógicas de arte participativa: objectivos principais

Os objectivos desta prática de arte participativa são, fundamentalmente, os seguintes:

2.1. Abrir a Escola de Artes e os seus actores à participação comunitária e ao exercício da cidadania colaborativa, apreciativa e avaliativa através da promoção de uma ética de intervenção responsável que tenha como base a interligação entre direitos, deveres e o envolvimento directo dos agentes, contribuindo para a construção de empatia, experiências e interesses comuns entre a escola e outros grupos sociais da comunidade envolvente (Nogueira, 2011). Contribuir para o atenuar do fenómeno da apatia e da alienação cada vez mais acentuada nas pessoas, de um modo geral, e nos jovens, em particular, relativamente à sociedade, enquanto se atribui este facto não às pessoas em si mesmas mas aos contextos face aos quais são precisamente a participação, a análise crítica e o debate as acções que se apresentam como absolutamente indispensáveis.

2.2. Estabelecer ligações entre a escola e a vida social nas suas mais variadas vertentes, questões e problemas, nomeadamente no que se refere ao tema das desigualdades, à pobreza, aos problemas dos emigrantes e das minorias e aos riscos ambientais, entre outros exemplos possíveis. Promover a intervenção dos docentes e alunos da Escola de Artes, adoptando uma

visão interdisciplinar e transdisciplinar, em situações em que a nossa escola se possa encontrar apetrechada de ferramentas e na posse de alternativas passíveis de utilização no contexto da reflexão, trabalho e mesmo na ponderação da eventual tentativa de resolução de problemáticas e dificuldades que possam vir a ser de algum modo identificadas nas situações descritas. A arte socialmente empenhada trata de assuntos e questões que frequentemente são do foro de outras disciplinas deslocando-os temporariamente para espaços de conhecimento interdisciplinares sem fronteiras rígidas e definidas que proporcionam, desse modo, novas perspectivas e entendimentos a esses problemas específicos contribuindo para a sua visibilidade em campos do saber muito diversos (Helguera, 2011, 5). É particularmente relevante para todos os grupos sociais que sofrem de algum tipo de exclusão e dominação baseada na raça, cultura, idade, religião, género e classe social, por exemplo, transformar a forma estigmatizante como os outros os vêem através, nomeadamente, do reforço das suas formas de cultura, arte, música, actividades laborais, estilos e histórias de vida, substituindo a imagem de uma identidade oprimida por uma da subjectividade assertiva e autónoma, procurando deste modo contribuir para corrigir a total ausência ou deturpação dessas representações.

2.3. Estimular a participação individual de modo a formar cidadãos livres e autónomos, actores dos seus próprios destinos, conscientes dos seus direitos mas também das suas responsabilidades na criação de sociedades democráticas. A cidadania é entendida como um conjunto de direitos e responsabilidades em todos os contextos da vida, tanto privados como públicos, assente não em ideias abstractas legais ou políticas mas em práticas sociais relacionais partilhadas, realizadas por indivíduos diferentes com o objectivo comum de criarem

instituições que constituam o suporte das suas vidas. Neste projecto interessa-nos sobretudo que os discentes desenvolvam práticas artísticas em que as pessoas constituam o principal médium artístico e material tal como nas artes performativas (Bishop, 2012:2). Para isso é necessário desenvolver uma estética ancorada na participação que se relaciona com as questões de contexto e que é menos especializada. A interacção, ao possibilitar a fusão entre o observado e o observador, contraria a autonomia estética da arte, passando o sentido a focar-se na relação entre o observador e o observado (Gablik, 1992: 150-151).

2.4. Sensibilizar os alunos para o reconhecimento e a protecção da diversidade social perante os fenómenos de concentração da riqueza, exclusão, injustiça social e discriminação crescente nas sociedades contemporâneas, que cada vez mais se nos afiguram profundamente complexas e individualistas. A subjectivação é permanentemente ameaçada por forças verdadeiramente avassaladoras, autoritárias e coercivas, como os mercados financeiros, as religiões, os comunitarismos que isolam e segregam certos grupos de pessoas, e os individualismos egoístas reduzidos a opções de consumo e de bem estar individual. Por esse motivo, é importante dar prioridade à ideia de identidade e de autodeterminação, não no sentido de um individualismo centrado na consciência do eu, mas antes na ideia de subjectividade, cuja criação se tornou na aposta da sociedade actual em que se defende uma cultura da consciência e da comunicação.

2.5. Consciencializar os alunos para o respeito pelos direitos de todos os indivíduos independentemente das suas crenças ou identidades, reconhecendo a importante contribuição da diferença e da diversidade na formação das sociedades contemporâneas. Enfatizar e reforçar a capacidade dos estudantes para compreender a posição dos outros, por

¹ T.L. de "Our modern major cities have become consumer products – controlled, packaged, and exploited".

meio da criação de uma cidadania activa e relacional que envolva todas as pessoas, independentemente das suas diferenças. A realização da cidadania não deve assentar em práticas diferenciadoras, associada apenas a um aspecto limitado da identidade, tal como a nacionalidade, a etnicidade ou a pertença a um grupo, mas pelo contrário deve ser reforçada a capacidade de empatia e compreensão da posição dos outros. Nos nossos dias, a identidade assenta em múltiplas dimensões como a do género, a da orientação sexual, a da nacionalidade, a da etnicidade, e a do sexo, que são continuamente construídas, desconstruídas e reconstruídas pelos agentes nas suas interações diárias, sendo elas, na realidade, o produto ou resultado final das múltiplas opções realizadas pelas pessoas nesses domínios. Deverá ter-se em atenção o facto de os vários grupos sociais não deverem ser compreendidos como entidades homogéneas de forma a que não se corra o risco de negar as diferenças internas que existem dentro dos mesmos.

2.6. Desenvolver uma prática artística directamente com as pessoas, baseada numa abordagem ética, através do paradigma de as ouvir, de dialogar com elas sobre os seus quotidianos e de lhes dar voz, em espaços reais. Pensamos que uma arte que inclui uma pluralidade de perspectivas ao nível do género, raça, cultura e classe, contesta o sistema tradicional de dominação da cultura ocidental, que privilegia o conhecimento racional, promove a valorização não hierárquica das diversas culturas e saberes, torna-a mais activa socialmente, contribui para a construção de conhecimento (Fiumara, 1995: 19, Gablik, 1992: 4, Lacey, 1995: 35, Levin, 1989: 223,) e tem um papel preponderante para a sustentabilidade social. As práticas desenvolvidas por meio da interdependência entre todos os participantes utilizam a intersubjectividade como o seu

médium, integrando abertura, confiança, respeito e responsabilidade (Lacy, 1995: 35-36).

2.7. Alertar os alunos para a destruição ecológica e consequente extinção da qualidade e da sustentabilidade da vida no planeta e sensibilizá-los para a responsabilização colectiva pelos riscos ambientais globais.

2.8. Por último, é também um aspecto crucial deste projecto contribuir para uma educação democrática participativa que não assente apenas na transmissão de conhecimentos mas que se foque também no desenvolvimento global e pessoal dos estudantes acreditando que este se promove através da interacção social no âmbito de uma cidadania participativa. De igual modo, é contestado o papel das escolas enquanto instituições autoritárias sobretudo orientadas para a competição económica e para a aprendizagem individual, fomentadoras de um conceito individualista e estreito de cidadania resultante de políticas neoliberais e da falência do Estado-Providência. O neoliberalismo procura exactamente dividir, dicotomizar, desigualar e hierarquizar as sociedades, não só no mundo Ocidental mas um pouco por todo o planeta. Nesse sentido, pretende-se demonstrar que é possível recombina as exigências da economia e as necessidades de subjectivação de todas as pessoas num projecto de educação que combine práticas de cidadania activas e emancipatórias que articulem o conhecimento do mundo real com a intervenção consciente no mesmo. É fundamental a adopção de uma pedagogia emancipatória orientada para a formação de pessoas aptas para tomarem decisões de um modo livre, consciente e responsável, que aprendam a democracia pela prática da participação e acção inovadora destinada a recriar as estruturas sociais.

3. Metodologias

3.1. Diálogo entre as docentes e as várias ONGs e IPSSs sediadas em Évora, ou comunidade específica, de modo a compreender as necessidades de cada instituição e o modo como a Escola de Artes pode contribuir para apoiar e dar visibilidade às mesmas.

3.2. Elaboração pelas docentes responsáveis pelo projecto de um conjunto de exercícios, a realizar pelos alunos no âmbito das disciplinas leccionadas pelas mesmas ou em contextos extracurriculares em regime de voluntariado, que tenham como objectivo responder às necessidades específicas de cada associação. Apresentação e debate com os estudantes sobre os exercícios e actividades propostas. Partilhamos a perspectiva segundo a qual as relações de trabalho entre docentes e alunos devem assentar num clima de diálogo, dignidade e respeito que possibilite o desenvolvimento de conhecimento, hábitos e competências críticas, fomentando a liberdade e a multiplicidade de pontos de vista.

3.3. Disponibilização aos alunos de textos, filmes, referências bibliográficas, obras de artistas e respectiva contextualização histórica bem como sítios web. De igual forma, serão ensinadas metodologias adequadas às especificidades de cada caso e actividade como, por exemplo, a abordagem empática construída na vulnerabilidade intersubjectiva da escuta activa, a qual promove uma relação recíproca de

experiências, que se expande do indivíduo para o colectivo de uma comunidade (Gablik, 1992: 2, 27) e conduz à constituição de identidades alicerçadas no processo comunicativo da nossa intersubjectividade. A importância atribuída à predisposição recíproca para escutar constitui, por um lado, uma forma de conhecimento e potencia o reconhecimento da sua diversidade. Esta abordagem é fundamental para a realização de entrevistas para filmes e desenhos de carácter documental, entre outras. Pretende-se que os projectos e figurações artísticas decorrentes rompam e questionem os discursos sociais onde se constrói a diferença, a hierarquia e a dominação entre as pessoas mostrando ser possível a criação de discursos visuais distintos, opostos a uma arte isolada das questões sociais.



Fig 1. - Performance em que a aluna vai colocando redes penduradas em cordéis bem como sobre o seu próprio corpo, redes essas que lhe são entregues pelas pessoas da assistência, deste modo envolvidas na criação da obra.

Conclusões

Espera-se que as práticas artísticas de interação promovam a partilha de conhecimentos e vivências que integram os saberes de todos os agentes envolvidos. A contribuição resultante do diálogo entre a escola e a comunidade envolvente teve a forma de filmes documentais, desenhos, cartazes, exposições, espectáculos encenados, workshops pontuais com os seus membros, entre várias outras práticas artísticas concebíveis. Por último, através deste evento, podemos afirmar que:

- I.** Criámos e fortalecemos os laços entre a Escola de Artes e a cidade de Évora, fomentando a cooperação educativa e a partilha de saberes entre todos os actores.
- II.** Promovemos a cidadania, a criatividade, o espírito crítico e a capacidade e de organização dos estudantes.
- III.** Estimulámos a apresentação dos estudantes à comunidade enquanto artistas e cidadãos activos na sociedade.
- IV.** Animámos e dinamizámos a cidade transformando-a num espaço onde os alunos partilham os seus trabalhos e experiências com as pessoas.

V. Mobilizámos e incentivámos todos os alunos para a participação no evento.

VI. Transformámos a cidade num festival de arte, de animação e de cultura com várias formas de expressão artística.

VII. Fomentámos a divulgação da arte em lugares públicos não convencionais onde os diferentes intervenientes interagem com a cidade, aqui também entendida como um espaço laboratorial de experimentação artística.



Fig. 2 - Performance/Instalação com feijões, flores e terra sobre a calçada de modo a chamar a atenção das pessoas para questões de arte, sustentabilidade e natureza.

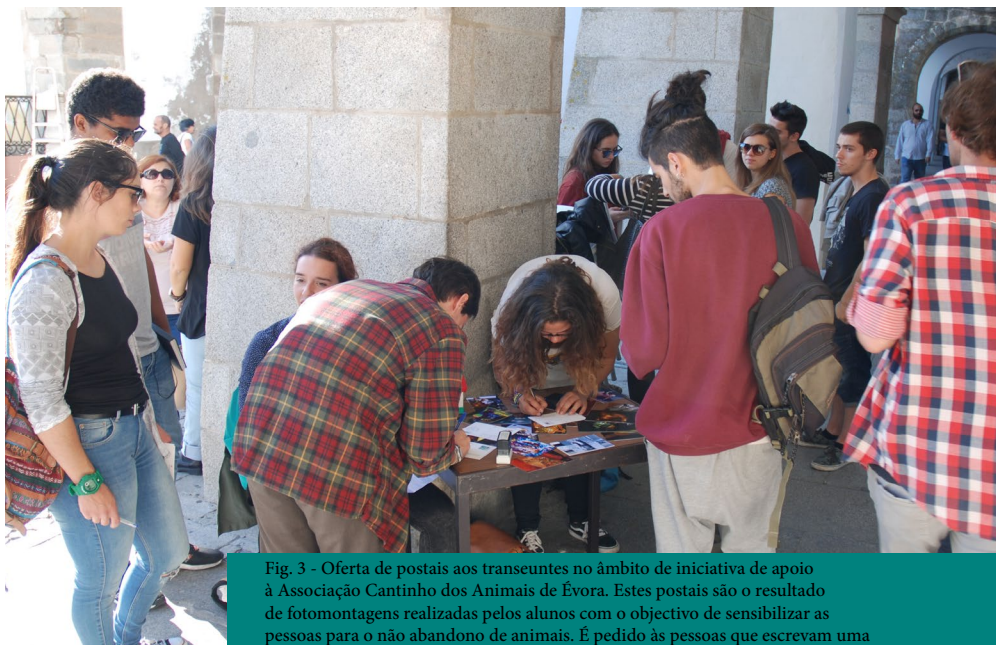


Fig. 3 - Oferta de postais aos transeuntes no âmbito de iniciativa de apoio à Associação Cantinho dos Animais de Évora. Estes postais são o resultado de fotomontagens realizadas pelos alunos com o objectivo de sensibilizar as pessoas para o não abandono de animais. É pedido às pessoas que escrevam uma mensagem no postal endereçada a quem quiserem sendo o mesmo posteriormente colocado no correio.



Fig. 5 - Instalação constituída por peças esculpidas em sabão, em forma de barco e de pessoas, para chamar a atenção do público para o fenómeno da emigração e da xenofobia, designadamente o drama que temos vindo a assistir com a travessia das águas do mediterrâneo de milhares de refugiados sírios.



Fig. 4 - Desenho digital sobre fotogramas de vídeos das pessoas registadas ao vivo, imediatamente antes do referida passagem a desenho desses mesmos fotogramas e oferta dos mesmos ao público e exposição de retratos digitais realizados pelo aluno. Convide ao público para escolherem um dos desenhos para que lhes fosse feito um retrato segundo esse estilo. Nesse sentido, as pessoas são fotografadas e posteriormente é-lhes enviado o desenho por email.



Fig. 6 - Realização de retratos dos transeuntes sobre balões e oferta dos mesmos às pessoas

Referências Bibliográficas

- Becker, H. S. (2010). *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Beeber, A. (2010). *Urban Interventions. Personal Projects in Public Spaces*. Berlim: Gestalten.
- Bishop, C. (2012). *Artificial Hells. Participatory Art and the Politics of Spectatorship*. London: Verso.
- Downey, A. (2014). *Art & Politics Now*. London: Thames & Hudson.
- Fiumara, G. (1995). *The Other Side of Language. A Philosophy of Listening*. New York: Routledge.
- Gablik, S. (1992). Connective Aesthetics. In *American Art*, Vol. 6, No. 2 (Primavera).
- Helguera, P. (2011). *Education for Socially Engaged Art. A Materials and Techniques Handbook*, New York: Jorge Pinto Books.
- Levin, D. (1989). *The Listening Self: Personal Growth, Social Change and the Closure of Metaphysics*. Minnesota: Routledge.
- Nogueira, C. (2011). *Cidadania: Construção de novas práticas em contexto educativo*. Lisboa: Edições Asa.
- Thompson, N. & Sholette, G. (2004). *The Interventionists: Users' Manual for the Creative Disruption of Everyday Life*. Massachusetts: MIT Press.
- Silva, M. C. (org.) (1997). *Trabalho de campo*. Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Etnologia. Nova série, no 6 – 8. Lisboa: Edições Cosmos.
- Touraine, A.; Khosrokhavar, F. (2001). *A Procura de Si. Diálogo sobre o sujeito*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Touraine, A. (2005). *Um Novo Paradigma. Para compreender o mundo de hoje*. Lisboa: Instituto Piaget.

Resumo

Este artigo serve para dar conta do modo como foram concebidos e realizados dois *Festivais de Rua da Escola de Artes* da Universidade de Évora (UE) que decorreram no mês de Outubro de 2015 e de 2016 na Praça do Giraldo em Évora tendo como objectivo principal de reivindicar o espaço da rua de um modo criativo, e de estabelecer laços entre os estudantes e a comunidade. Tendo como estudo de caso este evento, procuramos, com esta comunicação, avaliar a forma como os estudantes podem transformar a cidade num festival de arte, de animação e de cultura com várias formas de expressão artística, ao mesmo tempo que mobilizam a comunidade incentivando-a a participar no evento, disponibilizando o usufruto da arte a todas as pessoas ao retirarem-na de galerias onde está, frequentemente, disponível apenas para uma elite.

Palavras-Chave: artes visuais e multimédia; arte participativa; arte urbana; cidadania; educação

Abstract

This article serves to explain how the University of Évora's School of Arts' Street Festivals were conceived and held on October 2015 and 2016, in Praça do Giraldo, Évora, with the main objective of reclaiming the street's spaces in a creative way, and to establish bonds between the students and the community. Taking the festival as a case study, our aim with this communication is to evaluate how students can transform the city into a festival of art, animation and culture through various forms of artistic expression, while mobilizing the community to encourage it to participate in the event, providing the use of art available to all people by removing it from galleries where it is often only available to a specialized elite.

Keywords: visual arts and multimedia; participatory art; urban art; citizenship; education

Biografias

Teresa Veiga Furtado: Artista multimédia, Professora Auxiliar e Directora do Departamento de Artes Visuais e Design da Escola de Artes da Universidade de Évora (DAVD/EA/UÉ), Directora de Curso do Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, membro integrado do Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA/UE) e membro associado do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas (CICS.NOVA) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/NOVA). As suas principais áreas de investigação são a arte multimédia, a arte participativa e o género.

Paula Maria Vieira Reaes Pinto: Artista visual, Professora Auxiliar e Directora do Curso de Mestrado em Design e da Licenciatura em Artes Visuais-Multimédia do Departamento de Artes Visuais e Design da Escola de Artes da Universidade de Évora e membro integrado do Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA/UE), bem como membro colaborador do Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design (CIAUD) da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. As suas principais áreas de investigação são a arte e o design de envolvimento social.

Paula Maria Vieira Reaes Pinto is Visual artist, born and living in Lisbon. Assistant Professor and Director of the Master's Degree in Design and the Degree in Visual Arts of the Department of Visual Arts and Design of the School of Arts, University of Évora. Graduated in Sculpture, by Faculty of Fine Arts, University of Lisbon (1991). Finished the Postgraduate Degree in Public Art and Urban Regeneration, Facultat de Belles Artes, Universitat de Barcelona, Spain (1999) and completed her PhD in Design by Faculty of Architecture, University of Lisbon. Realized an artistic project with the community of Castro Marim titled "Paths of Salt", Castro Marim, Algarve, Portugal (2003). Participated in the collective exhibition "Where Are you from? Contemporary Portuguese Art" at the Falconer Gallery / Grinnell College Iowa, USA and at the White in the Middle, Hanson Janalyn Mount Mercy, Cedar Rapids, Iowa (2008). Realized a project with the community of Cacela Velha titled "Artistic Interactions with the Place", Cacela Velha, Algarve, Portugal (2009). She was co-organizer and member of the scientific committee of the "Cross Media Arts: 1st International Conference on Social Arts and Transdisciplinarity", Eugénio de Almeida Foundation, Évora (2016). Since 2015, she has been coordinating and integrating the participatory research project "Creative Practices in the Workplace of Cork" with the Azaruja community in Alentejo, Portugal, with the collaboration of visual artist / designer António Gorgel Pinto and designer Solen Kipoz. Currently she also coordinates, with the Assistant Professor Teresa Veiga Furtado, the project "Participatory Art: Dialogues between the School and the Surrounding Community" of the School of Arts of the University of Évora. Has made several communications and publications in Portugal and abroad.

Biographies

Teresa Veiga Furtado is a Videoartist, Assistant Prof. and Director of University of Évora School of Arts Department of Visual Arts and Design (DAVD/EA/UÉ). Full member of University of Évora Centre of Art History and Artistic Research (CHAIA/UÉ) and member of Faculty of Human and Social Sciences of the New University of Lisbon Social Sciences Interdisciplinary Centre (CICS.NOVA, FCSH/NOVA). Degree in Painting, Fine Arts Faculty of Lisbon. MA in Printmaking, Royal College of Art, UK. PhD in Sociology with the thesis "Women's video art: Our bodies, ourselves", (FCSH/NOVA). Coordinator of the MA in Artistic Practices in Visual Arts, UE. Co-Author with Kotomi Nikiwashi of the video performance "Snake Chamber", EIRA/Festival Temps d'Images. Co-coordinator of the conference and book "Act Out: Performative Video by Nordic Women Artists" at UÉ. In 2015 she curated the event "Gender and Video" associated with the programme "Gender Trouble", Teatro Maria Matos, Lisboa and was responsible for organizing the Conference "Video Art & Gender" at UÉ. In 2016 was member of the Organizing and Scientific Committee of the "Cross Media Arts: 1st International Conference on Social Arts and Transdisciplinarity", FEA, Évora. She is currently responsible with Aida Rechená, director of the Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC/Chiado), for the organization of the exhibition "Gender in Art" that will take place in Oct. 2017 at MNAC/Chiado. She is responsible, with Aida Rechená and Ana Lúcia Teixeira, operational coordinator of the Gender Violence Observatory (ONVG), for organizing the conference "Gender in the art of Lusophone countries: body, sexuality, identity, resistance" taking place at FCSUH/NOVA in Oct. 2017. Since 2015 she coordinates, with the Assistant Professor Paula Reaes Pinto, the project "Participatory Art: Dialogues between the School and the Surrounding Community" at the University of Évora School of Arts.